

CARTA DO 9º ENCONTRO DE MULHERES ESTUDANTES - EME

Encontro: ato de chegar uma diante da outra. É a junção de pessoas ou coisas que se movem em vários sentidos, mas se dirigem ao mesmo ponto. Essa é a nossa maior potência, e por isso nos encontramos de 24 de junho a 3 de julho de 2021, mais de mil mulheres de todo o Brasil no 9º Encontro de Mulheres Estudantes da UNE (EME), para afirmar que as estudantes feministas seguirão firmes em defesa da vida e pelo #ForaBolsonaro!

Nos encontramos vindas de vários lugares e experiências. Trazemos nosso compromisso com a luta por uma sociedade que não explora, não oprime e não discrimina. Nos afirmamos como anticapitalistas, antirracistas, feministas anti patriarcais, socialistas, ecologistas e defensoras da diversidade de gênero e sexualidade.

Nosso ponto de partida nesse encontro foi a análise dos desafios enfrentados pelas mulheres que foram ampliados e escancarados pela pandemia da covid-19 no mundo inteiro. As crises sanitária e econômica aprofundaram a pobreza, a violência, e aumentaram a sobrecarga das tarefas do cuidado para as mulheres pobres e trabalhadoras. O governo de Bolsonaro impôs mais neoliberalismo predatório, associado a um profundo autoritarismo marcado por uma necropolítica. Com um discurso de que “a economia não pode parar”, trabalhadores e trabalhadoras não tiveram direito ao isolamento social, numa política de morte que já levou mais de 500 mil vidas por uma doença para a qual já existe vacina. A CPI da Covid evidencia que não se trata apenas de incompetência, mas de uma política genocida escolhida conscientemente para garantir o enriquecimento de poucos, como parcelas importantes do setor privado de saúde. Agora a CPI mostra o verdadeiro sentido de decisões incompreensíveis na negociação das vacinas: a corrupção do superfaturamento na aquisição das vacinas Covaxin.

O Brasil passa por um processo de aprofundamento de desmonte desde o golpe em que a burguesia retirou a presidenta Dilma, colocou no poder Michel Temer e em apenas dois anos conseguiu construir a “ponte para o passado”. A dinâmica do golpe continuou na eleição de Bolsonaro a partir da interferência nas eleições por parte do conluio de setores do judiciário que prendeu e retirou os direitos políticos do ex-presidente Lula. O projeto em curso continua esse desmonte, destituindo direitos e retirando políticas básicas para assegurar o bem viver das mulheres.

Em 2020, foram registradas 105.821 denúncias de violência contra a mulher nas plataformas do Ligue 180 e do Disque 100. Uma a cada quatro mulheres foi vítima de algum tipo de violência durante a pandemia do Coronavírus no Brasil. Um levantamento do Instituto Datafolha aponta a morte de 1.338 mulheres, com crescimento de 2% no número de casos de feminicídios. É importante ressaltar também o aumento das mortes de mulheres trans e travestis, segundo dados levantados pela Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA) em 2020 tivemos o triste número de 175 assassinatos de mulheres trans e travestis no Brasil. Há também um aumento da violência, com destaque para o caso da travesti Roberta, queimada viva nas ruas de Recife.

Enquanto isso Bolsonaro investiu apenas 4,4% dos recursos para combater os crimes e a violência contra as mulheres. Para além da violência de gênero, sofremos também com a violência por parte do Estado, a exemplo da chacina do Jacarezinho, do assassinato de várias crianças e adolescentes em operações policiais, nos mostrando que nem todas as vidas importam para esse governo, assim como para Ministra Damarens. Basta ver seu profundo silêncio em relação ao assassinato de Kethlen Romeu - uma jovem, negra, grávida que teve a vida ceifada pela polícia carioca. Queremos o fim da violência contra nossas vidas, corpos e territórios.

A frente do ministério, Damares organiza e fortalece a criminalização das mulheres em relação a pauta do aborto. Foi assim quando tentou impedir que uma criança vítima de sucessivos estupros exercesse o direito de abortar, como é garantido pela lei. Durante a pandemia também foram alteradas as regras do aborto legal dificultando ainda mais situação das vítimas de estupro de realizarem o aborto, visto que as novas diretrizes instruem para que as clínicas denunciem casos de estupro à polícia, mesmo quando as vítimas não querem registrar queixa ou identificar o agressor. Em consequência dessas novas regras aumentou-se o número de procura a clínicas clandestinas e de mulheres com idade gestacional mais avançada, o que aumenta o risco à vida. Afirmamos por todos os lugares que legalizar o aborto é um direito de decidir sobre nossas vidas e ter autonomia em relação à maternidade, por isso é urgente a luta pela legalização do aborto. Precisamos seguir o exemplo da Argentina, que conquistou a lei de legalização do aborto. Essa vitória das mulheres argentinas foi travada com muita luta, importante destacar o papel das estudantes secundarista e universitárias na luta pela legalização do aborto na Argentina.

Nesse contexto, as mulheres foram as mais impactadas pela perda de seus empregos e têm mais desafios para garantir o próprio sustento e de suas famílias. Em um cenário onde a carga de trabalho é cada vez mais pesada sobre nós, em uma realidade em que 8,5 milhões de mulheres perderam seus empregos durante a pandemia. As múltiplas jornadas são cada vez mais desgastantes. Isso se evidencia também na queda da produção científica das mulheres - algo tão central para a produção de conhecimento e políticas para o povo. As jovens estudantes brasileiras, enfrentam dificuldades em conciliar o ensino remoto emergencial com as tarefas domésticas e de cuidados impostas a nós, o desmonte das políticas de permanência estudantil e de estruturas como os restaurantes universitários, moradia estudantil, até mesmo a ausência das creches.

A precarização da educação também desponta como um dos grandes desafios. O corte de 18,16% no orçamento discricionário de todas as 69 universidades federais, coloca em risco a existência das próprias universidades, compromete os serviços essenciais para manutenção da nossa presença na universidade, especialmente das estudantes negras, indígenas, quilombolas, trabalhadoras e mães. É fundamental a garantia de bolsas permanência, projetos de iniciação à docência, de iniciação científica, a garantia de creches, restaurantes universitários, moradia e toda uma política de assistência estudantil, sobretudo no cenário de aumento da fome e da população em situação de rua. Os cortes ameaçam ainda os projetos de pesquisa e extensão que contribuem para a inserção das mulheres no espaço de produção de conhecimento e o combate às desigualdades sociais. O Plano Nacional de Assistência Estudantil não pode ficar fora do orçamento federal!

O avanço do neoliberalismo sobre as universidades tenta desobrigar o poder público de manter os investimentos que garantem que pesquisas essenciais para a população sejam desenvolvidas, como foi a descoberta do pré-sal e como tem sido a produção de vacinas. A combinação entre ausência de recursos e da predominância de uma agenda neoliberal faz com que muitas universidades recorram a parcerias com corporações privadas que impõem suas demandas sobre a produção científica. Com isso, muitas instituições ficam reféns dos projetos pautados no que dá lucro a essas empresas, e não nas reais necessidades da população. Por isso defendemos uma universidade popular, pública, gratuita e socialmente referenciada, e é dever do Estado garantir a estrutura necessária para a manutenção do funcionamento isento e qualificado, esse saber produzido pertence ao povo!

Nas universidades e faculdades privadas, a agenda das grandes corporações se impõe com ainda mais força! Além de não assegurar a centralidade da pesquisa, da extensão e das políticas de permanência e de coibir a organização e mobilização das estudantes, as privadas ainda têm reduzido o quadro docente, retirado disciplinas centrais

da graduação e abusado das taxas e mensalidades mesmo diante da grande crise econômica que vivenciamos.

Com toda a chantagem de retorno às aulas nas públicas e nas privadas, mesmo sem vacinação em massa, esse cenário se apresenta muito mais trágico. Não podemos aceitar tamanho retrocesso! Nossas conquistas como o PNAES, o PNAETS, os 10% do PIB para educação atribuídos pelo PNE foram engolidas pela EC 95, que limita o investimento e transforma vitória histórica de ter um piso do recurso nacional em educação num teto. Nossos sonhos de uma educação voltada para as reais demandas do povo brasileiro não cabem no teto de gastos! Esses são os desafios que precisamos transformar. Por isso nossa organização se faz mais do que necessária.

Resistimos para transformar

Na linha de frente da resistência ao neoliberalismo nós mulheres cumprimos um papel fundamental, denunciando as políticas brutais contra a nossa classe. As recentes vitórias políticas e eleitorais do campo progressista em países como Bolívia, Chile e Peru, foram fruto das grandes manifestações e greves nacionais que aqueceram as ruas latino-americanas contra as explorações imperialistas. Todos esses processos alimentam a esperança de reversão do quadro que vivenciamos no Brasil. A resistência pelo Fora Bolsonaro cresce no nosso país, se o 29M mostrou sua força levando milhares às ruas, o 19J mostrou nossa capacidade de interiorizar a luta pelo Fora Bolsonaro com atos em mais de 408 cidades.

As sementes de Marielle também nos mostram que é possível transformar a política! Nas eleições de 2020 tivemos expressivas vitórias eleitorais de mulheres negras, transexuais, indígenas e quilombolas, muitas destas inclusive participaram das trincheiras da UNE, UBES, ANPG e são frutos dessa cultura feminista organizadas nas entidades e de projetos coletivos. Mesmo tendo alcançado esses espaços, o machismo e o racismo ainda perseguem essas mulheres. Nesses primeiros meses de mandatos, muitas delas sofreram atentados, ameaças e uma série de violências. Como nos provoca Anielle Franco: “Quem cuida dessas mulheres que colocam seus corpos à disposição da luta pelos nossos direitos em espaços institucionais?” Nós conquistamos esses espaços e não iremos dar nenhum passo atrás, esse é um caminho para mudar a cara da política brasileira, esse é o *caminho para construir um novo projeto de país, não seremos interrompidas!*

Nossas experiências coletivas nos ajudam a dar novos passos, por isso resgatamos a força das mulheres que derrubaram o Cunha, a Marcha das Margaridas que levou milhares de mulheres do campo, das florestas e das águas para ocupar Brasília, a primeira marcha de mulheres negras no Brasil, as mães que se levantam nas comunidades contra as violências e injustiças aos seus filhos, as estudantes que ocuparam escolas e universidades, que estiveram presentes no #EleNão, que construíram redes de solidariedade nesse período pandêmico e que estarão nas ruas para derrotar Bolsonaro. Nossas lutas estão entrelaçadas e seguem na busca da transformação estrutural dos sistemas políticos e socioeconômicos que não garantem o bem viver, a igualdade, a dignidade e a relação harmônica com a natureza.

O EME e a UNE - DISPUTAR AS JOVENS PARA O FEMINISMO QUE TRANSFORMA A VIDA

Há duas décadas a UNE assumiu o compromisso de incorporar como parte da sua luta a agenda feminista. Desde 2003 a diretoria se tornou um instrumento de auto-organização das mulheres estudantes. No momento em que prevalecia o discurso

triumfalista que afirmava que as mulheres chegaram ao “seu lugar”, as mulheres estudantes se organizaram para evidenciar a presença do machismo na universidade. No primeiro encontro ainda estávamos apresentando a necessidade do movimento estudantil incorporar o feminismo como central, de apostar na auto-organização.

Se no começo tivemos que convencer que a auto-organização era fundamental para organização das mulheres, nos anos seguintes o que vivenciamos foi a abertura de diversos coletivos das mulheres estudantes, o debate feminista se espalhava pelas universidades do Brasil. Buscamos por todo esse tempo aliar os debates sobre educação, universidade e participação política com o feminismo. Quando afirmamos no 5º EME enraizamos nossas campanhas periódicas: “pelo fim dos trotes machistas”, “pela criação de creches” e reafirmamos a campanha pela legalização do aborto, iniciada na gestão de 2007. É importante resgatar nossa história, pois olhando para as experiências do passado construímos nossos passos no presente e no futuro que bate à nossa porta. Se hoje as jovens brasileiras se reconhecem cada vez mais com o feminismo, precisamos reconhecer que a UNE contribuiu com essa tarefa, e é preciso se perguntar: quais são as tarefas do nosso tempo?

Nosso desafio é disputar as estudantes para o feminismo anticapitalista, anti racista, anti LGBTfóbico e que defenda a soberania nacional pelo bem comum e a natureza. Uma das formas de ação do neoliberalismo é se mascarar de progressista e dessa forma utilizado práticas que capturam nossas subjetividades, capturar pautas e transformar tudo em mercadoria se aproveitando de pautas fundamentais para nós. Por isso, neste EME, denunciamos a ação da FARM (Empresa parte do grupo SOMA3) que tentou lucrar em cima da morte de uma mulher preta! Nessa ação denunciamos que o capitalismo racista segue a mesma forma de atuar explorando nossa força de trabalho e gerando lucro sobre a nossas vidas, mas hoje se apresenta com uma estampa diferente.

Nossa luta por autonomia sintetizada no chamado “Nosso Corpo Nos Pertence”, coloca a necessidade de desmercantilizar a vida e o enfrentamento ao autoritarismo do mercado, especialmente quando ele se apresenta com as armadilhas do capitalismo diverso. Para tanto é necessário desnaturalizar os algoritmos que atuam para impor produtos de consumo que busca nos aprisionar em uma rede de venda de padrão de beleza. Por isso nossa agenda tem como ponto central a denúncia dessas redes e as grandes empresas que impõe através de filtros, influenciadores, anúncios uma padronização violenta de corpos. Na pandemia a virtualidade ganhou mais centralidade e com o trabalho, a educação, o lazer e as subjetividades das mulheres têm passado pelas estruturas dessas grandes empresas, como Facebook, Amazon, Google, Microsoft e Apple, que juntas detém mais de 80% dos dados do mundo e já são as empresas mais lucrativas da história! Quando falamos de autonomia dos nossos corpos e vidas, também estamos dizendo que não queremos ser controladas e reguladas por quem busca gerar lucro em cima de nossas vidas.. Queremos autonomia sobre nossos corpos, nossas vidas e territórios livres do capitalismo heteropatriarcal e racista. Temos como tarefa central combater as alternativas do mercado e apresentar para as estudantes brasileiras o feminismo que transforma nossas vidas.

Resistimos e lutamos para construir um modelo em que a sustentabilidade da vida esteja no centro, portanto rejeitamos o modelo neoliberal que aprofunda ainda mais a lógica de acumulação do mercado. O governo Bolsonaro é um dos principais representantes do neoliberalismo e parte da ultra direita conservadora. O desafio das jovens estudantes nesse momento é derrotar o governo neofacista de Bolsonaro e construir com suas próprias mãos uma alternativa de projeto que tenha a participação das mulheres, das jovens estudantes, das mães, do povo preto, do povo pobre, do povo trabalhador, um projeto popular que

recupere a soberania nacional, que suspenda a EC95 e que reverta todo desmonte que tivemos nesses anos sombrios de nossa história. Bolsonaro é inimigo das mulheres! Por isso denunciemos este projeto antes mesmo de eleito através do #EleNão, agora é hora de derrotá-lo pela força das mulheres em resistência. A União Nacional das Estudantes convoca as estudantes brasileiras que participaram deste 9º Encontro de Mulheres Estudantes a resistir em defesa da vida, participar das manifestações e lutar para derrotar Bolsonaro nas ruas para transformar o Brasil.